

COMUNICAÇÃO EM FAMÍLIAS COM FILHOS ADOLESCENTES¹

COMMUNICATION IN FAMILIES WITH TEENAGE CHILDREN

Pascale Chechi² e Ana Cristina Garcia Dias³

RESUMO

A família é a fonte de socialização primária que oferece a base para o desenvolvimento posterior do indivíduo. Nas últimas décadas a estrutura familiar passou por inúmeras transformações; o modelo hierárquico, no qual os papéis eram rigidamente estabelecidos foi trocado por um modelo mais igualitário, no qual destacam-se os ideais de liberdade e respeito a individualidade. Neste segundo modelo o diálogo, e não a autoridade, apresenta-se como fundamental na educação dos filhos. O presente artigo busca apresentar uma reflexão sobre as práticas comunicativas durante o período da adolescência a partir de uma revisão de literatura. Discute-se principalmente as características destas comunicação, os aspectos facilitadores e os que dificultam a mesma. Observa-se que a comunicação em família é um tema complexo, que necessita de maiores estudos em um sociedade em constante transformação.

Palavra-chave: comunicação, família, adolescência.

ABSTRACT

Family is the source of primary socialization that offers the base for further development of the individual. In the last few decades the family structure had several changes; the hierarchic model, in which the roles were strictly established, was changed by a more equalitarian model, in which the ideals for liberty and respect to the individuality are highlighted. In this second model the dialogue, not authority, presents itself as fundamental in the children's education. The present article seeks to present some thinking upon the communicative practices during the teenage period up from a literature review. It is mainly discussed the characteristics of this communication, the facilitator aspects and the ones that

¹ Trabalho de Iniciação Científica - PROPET - UNIFRA.

² Acadêmica do Curso de Psicologia - UNIFRA.

³ Orientadora - UNIFRA.

difficult it. It is observed that the family communication is a complex theme, which needs deeper studies in this constant changing society.

Key words: communication, family, adolescence.

INTRODUÇÃO

Este artigo consiste em sintetizar o estudo de um ano de um PROPET, ou seja, de um projeto de pesquisa realizado no Centro Universitário Franciscano em que foram pesquisadas e estudadas bibliografias acerca da comunicação na adolescência entre pais e filhos.

A comunicação entre pais e filhos desde muito cedo é de grande importância, pois a família nuclear é considerada o primeiro e, segundo alguns autores, o mais importante agente no processo de socialização (BERGER; LUCKMANN, 1991), sendo que os pais, sobretudo através da socialização primária, são os responsáveis pela mediação do mundo para a criança. Além deste caráter socializador, a família ocupa outro importante papel na vida do sujeito, ou seja, ela é o centro para a estruturação da vida psíquica (REIS, 1985). As formas como se vivenciam e efetuam as vivências emocionais na família são fontes primárias de importantes informações para localização do indivíduo em seu contexto social.

Sabe-se que a adolescência é uma fase do desenvolvimento marcada por muitas mudanças. Essas mudanças são físicas, psicológicas e sociais, elas alteram a forma de vida do adolescente e a maneira como este se relaciona com sua família e com a sociedade em geral. Fisicamente o adolescente sofre transformações corporais que podem surpreendê-lo, uma vez que ele próprio pode vir a não reconhecer seu próprio corpo em mudança. Observamos que devido à mudanças hormonais, algumas partes de seu corpo desenvolvem-se mais rapidamente que outras, aparecendo os caracteres sexuais secundários e primários. Desta forma, o adolescente passa a habitar um novo corpo, e se deparar com uma nova mente, isso reflete na forma como o adolescente irá se relacionar com o mundo ao seu redor. De fato, a forma que o jovem se relaciona com seu corpo é um indício de sua integridade e normalidade psíquica. Além disso, acaba interferindo na forma como o adolescente se relaciona e se comunica com o mundo ao redor, bem como com seus pais (OUTEIRAL, 1994).

A perda da imagem corporal infantil é apenas uma das muitas perdas pelas quais o adolescente passa. Aberastury e Knobel (1981) consideram que a adolescência é marcada por diferentes lutos: o luto pela perda do corpo infantil, o luto pela perda dos pais da infância e o luto pela bissexualidade infantil. O luto pela perda do corpo infantil consiste na

aceitação e elaboração das transformações físicas que produzem um novo corpo, que possui características novas e necessidades diferentes daquelas experienciadas na infância. Já o luto pela perda dos pais da infância consiste em aceitar que não terão mais gratificações infantis que tinham dos pais quando criança, mas sim que terão responsabilidades maiores, determinando o fim da dependência infantil para a independência adulta, e assim a aquisição de um corpo adulto. Por fim, o luto pela bissexualidade infantil consiste no momento em que o adolescente passa a identificar-se marcadamente com determinado sexo, o que faz sentir atração pelo sexo oposto, passando assim para a heterossexualidade.

Em termos psicológicos o adolescente enfrenta um turbilhão de sentimentos, percebe-se que os jovens ficam mais instáveis, irritados, questionadores, atitudes que mostram uma forma de se diferenciar, consolidar sua identidade, buscando o grupo de amigos e afastando-se da família, atitude que o ajuda nesta busca por si adquirindo muitas vezes comportamentos desafiadores ou de risco (BRÊTAS, 2004).

Outro aspecto que dificulta as vivências dessa fase, é uma superposição de “crises”, ao mesmo tempo em que o adolescente está passando por conflitos em relação a sua identidade, os pais também podem encontrar-se na chamada crise da meia-idade. Esta se constitui em um momento de pausa e reflexão, na qual os pais reavaliam os rumos que escolheram para suas vidas, tanto na profissão, como na vida conjugal e sexual (EIZIUK et al., 2001).

Nesta fase o que ocorre é que o jovem passa a independizar dos pais, e para que isso aconteça é necessário que estes sejam desvalorizados pelos filhos, pois assim conseguem se afastar da família sem perdê-la. Porém isso causa nos pais profundos sentimentos. Um deles é de rejeição, de que o filho não é mais o mesmo, já não aceita suas idéias como antigamente. Além disso, o sentimento de inveja dos pais em relação ao filho também se faz presente. A adolescência gera possibilidades, o indivíduo nesta etapa goza da plena energia e encontra-se no vigor da idade, fazendo planos para o futuro. Os pais, que em geral encontram-se na meia idade, estão numa fase de lembrar o passado e avaliar suas conquistas. Nesse sentido, podem recordar os riscos e os perigos a que se encontravam expostos durante suas adolescências. Essas recordações os levam a proteger os filhos. Além disso, invejar a posição vivida pelos filhos, passando a se vestir, falar, fazer exercícios, com o intuito de se aproximar da condição do filho jovem (OUTEIRAL, 1994).

Como vimos, tanto a família como o adolescente sofre transformações. Percebe-se que, ao mesmo tempo em que o adolescente busca saber quem é, os

pais encontram-se refletindo sobre si e suas realizações. É nesse contexto que o adolescente busca sua autonomia e independência, para constituir sua identidade. As dúvidas e angústia experienciadas pelos jovens na busca pela identidade precisam ser compreendidas pela família. É fundamental que os pais entendam a situação pelo qual seu filho está passando e dar apoio, segurança, compreensão, sendo continentes com os mesmos em suas angústias, dúvidas e emoções (CERQUEIRA; KOMPNSKY, 1991).

Porém, o que observamos é que os pais frente a conflitiva do filho adolescente, algumas vezes não conseguem exercer seu papel, especialmente como um modelo de referência, pois também se encontram confusos com as suas questões associadas à “crise de meia idade”. Nesse sentido, alguns pais acabam recorrendo a estratégias nem sempre satisfatórias para lidar com esta situação difícil que se formam no contexto familiar.

Segundo Cerqueira e Kompnsky (1991), exemplos dessas estratégias são: tornam-se “amigos” de seus filhos, tornam-se autoritários e proibitivos demais, ou podem também se tornar condescendentes flexíveis. Essas estratégias não passam a segurança necessária aos jovens, que necessitam de um modelo adulto que sustente as dúvidas e incertezas que a fase impõe ao adolescente.

Além das mudanças no desenvolvimento tanto individual como no ciclo familiar pelas quais os membros da família passam nesse período, as últimas décadas também trouxeram mudanças importantes para a estrutura familiar, devido a novos valores sociais circulados na sociedade.

Benincá (1994) e Figueira (1991) indicam que a família atualmente segue outro modelo, que não o experienciado no início do século passado. Anteriormente, a família baseava-se em um modelo hierárquico e autoritário, no qual os papéis familiares eram rigidamente estabelecidos e o poder encontrava-se centralizado na figura do pai. Atualmente, segue um modelo familiar mais igualitário, no qual se destacam os ideais de liberdade e respeito à individualidade. Neste último modelo, não é correto que os pais imponham suas idéias aos filhos ou os proíbam de fazer certas coisas. Além disso, esse modelo propõem que o desenvolvimento dos filhos passa a ser orientado pela experimentação e pela descoberta, não mais apenas pelo espelhamento em um modelo posto. O diálogo, e não a autoridade impõe-se como valor fundamental para a educação e o estabelecimento das relações familiares.

Considerando o estudo dessas transformações e os conflitos enfrentados pelos membros da família em seu desenvolvimento, se fazem necessárias a melhor compreensão de alguns problemas atuais, como as questões que envolvem a comunicação entre pais e filhos, como os pais

podem auxiliar o adolescente nesta busca por sua identidade de forma mais tranqüila? Sendo assim, nosso estudo pretende buscar através de uma revisão de literatura, questões que envolvem a comunicação entre os pais com seus filhos adolescentes.

MÉTODO

Para a realização desta pesquisa optou-se pela realização de uma revisão da literatura existente sobre o tema. Para Fachin (2003), a revisão bibliográfica ou de literatura é um método que realiza um levantamento dos livros e periódicos ou qualquer outra informação escrita sobre uma determinada temática.

Esse tipo de pesquisa divide-se em fases, que começa na escolha da temática, continuando na elaboração do plano de trabalho, na identificação do assunto referente ao tema buscando as bibliografias a serem estudadas e seu respectivo levantamento nos sumários e índices, após faz-se uma localização das fichas bibliográficas nas bibliotecas possíveis de acesso. Após reunido todo o material, fase de compilação, há a elaboração de fichamentos para futura análise e interpretação do material, e por fim sua redação (MARCONI, 2003).

Nesse levantamento bibliográfico utilizou-se o estudo de periódicos especialmente aqueles indicados pelos portais *Lilacs*, *SciELO* e *o Comut*. Nestas fontes foram selecionados um total de 43 resumos de artigos; após a análise desses resumos foram selecionados 13 artigos, ou seja, apenas aqueles que mais abordavam a temática especificamente, ou seja, aqueles que encontravam entre os descritores (palavras-chave) as temáticas família e adolescência.

Acreditamos que as rápidas e significativas mudanças ocorridas na sociedade atual e na estruturação das famílias encontram-se especialmente discutidas em artigos, contudo também foram buscados livros que tratassem acerca da comunicação familiar, sendo utilizados um total de 10 livros a respeito do tema.

Durante a leitura das bibliografias, algumas questões foram sendo levantadas de suma relevância, por serem questões práticas que envolvem o relacionamento entre pais e filhos adolescentes atualmente, são elas: Como é a comunicação entre pais e filhos adolescentes? A quem o jovem busca para conversar no ambiente familiar? Que assuntos os adolescentes conversam com os pais? Que assuntos consideram tabus e evitam conversar com os pais? O que dificulta essa comunicação? O que propicia essa comunicação? Se a comunicação familiar não ocorre no ambiente familiar, a quem os jovens recorrem para retirar suas dúvidas?

RESULTADOS

COMO É A COMUNICAÇÃO ENTRE PAIS E FILHOS ADOLESCENTES?

A comunicação proporciona às pessoas a possibilidade de interagirem uns com os outros, trocarem informações, pensamentos, sentimentos, fazendo o ser humano compreender e ser compreendido, através de palavras e comportamentos. Na adolescência, o ser humano vive um turbilhão de conflitos dúvidas, mudanças e incertezas, sendo a comunicação familiar uma alternativa para o jovem na resolução desses conflitos (CADETE, 2000).

A comunicação entre pais e filhos na adolescência é peça fundamental para potencializar relações mais saudáveis entre os membros. Porém nesta fase os filhos tornam-se mais questionadores das regras e crenças dos pais, havendo, portanto na comunicação um acréscimo de conflitos, já que os pais se surpreendem com as atitudes dos filhos (WAGNER et al., 2002a).

Mesmo assim Outeiral (1994) nos traz que o relacionamento entre pais e filhos sofreu mudanças, atualmente o que se vê é uma forma de diálogo baseada num modelo igualitário, e não mais hierarquizado como se via antigamente.

Scholze (2004) versa que apesar deste novo modelo de relação, a comunicação entre pais e filhos nem sempre é frequente e franca. O diálogo muitas vezes é permeado de medo das reações dos pais, por parte dos jovens, que possam sofrer restrições ou a perda da confiança dos pais. Mas, apesar das dificuldades da comunicação na adolescência os jovens consideram a conversa com os pais de extrema importância.

A QUEM O JOVEM BUSCA PARA CONVERSAR NO AMBIENTE FAMILIAR?

Cada membro pode ser eleito para conversar com o adolescente, a eleição depende do momento, do conteúdo e da necessidade do adolescente. Observa-se que a mãe é a mais procurada para conversar com os jovens, independente da idade e do sexo dos mesmos. Percebe-se que mesmo após a inserção das mulheres no mercado de trabalho, a mãe ainda desempenha o papel tradicional de cuidadora do lar, pois as funções domésticas e afetivas encontram-se vinculadas a sua figura (WAGNER et al., 2002).

Neste contexto o pai também modificou sua atuação no contexto familiar. O homem, em sua posição, passou a se inserir mais nas atividades

familiares, podendo usufruir de forma prazerosa da companhia da mulher e dos filhos, porém ainda é responsável pelo sustento mais significativo do lar ficando mais ausente da criação dos filhos (MALHEIROS, 1999).

Wagner, Predebon, Falcke, Dotta & Garcia (2002), indicam que a figura feminina é historicamente responsável pela criação dos filhos. É a mãe a figura mais presente da família na vida do jovem, e que acaba por fazer o intercâmbio da vida do jovem aos demais membros. Percebe-se portanto, que quando a comunicação ocorre, o membro buscado predominantemente para o diálogo é a mãe.

Embora a bibliografia indique que muitas vezes os irmãos assumem um papel mais ativo na vida do adolescente, se comunicando de maneira mais eficaz em determinados assuntos, como sexualidade, do que os pais, ainda o diálogo entre irmãos é considerado pouco e quando ocorre é mais comum com irmãos mais velhos, pois com os irmãos mais novos a comunicação é ainda menor (SANTROCK, 2003).

Wagner et al. (2002b) observam que as brigas entre irmãos, e a dificuldade de relacionamento com os mesmos, dificultam a comunicação entre os mesmos na família. De fato, as divergências de opiniões podem provocar conflitos entre os membros da família, bem como entre irmãos; o que pode complicar ainda mais as relações familiares. Contudo, quando há a disponibilidade dos membros da família para enfrentar as dificuldades da convivência, os problemas são amenizados e resolvidos mais facilmente. (CADETE et al., 2000).

QUE ASSUNTOS SÃO TEMAS DE CONVERSAS E QUAIS SÃO CONSIDERADOS TABUS

Apesar do fato do adolescente encontrar formas de se comunicar com os pais e outros membros da família, ainda existem assuntos considerados tabus no diálogo entre pais e filhos, o que faz com que o adolescente busque no grupo de pares a comunicação. O adolescente pode esconder coisas de sua vida dos pais, coisas que o jovem julga que os pais não entenderiam ou até mesmo o proibiriam (LEFEVRE; SIMIONI, 1997).

A sexualidade dos jovens é um dos assuntos pouco conversados entre os pais e seus filhos. As informações passadas para os filhos muitas vezes são ambíguas, pois os pais não sabem o que devem transmitir aos filhos, já que atualmente os valores existentes são diferentes dos quais eles viveram em sua juventude, os pais também temem que esteja incentivando os filhos à prática. Os filhos sentem-se constrangidos e temem a reprovação dos pais na hora do diálogo, evitando-o (DIAS; GOMES, 1999).

Lefevre e Simioni (1997) versam que o jovem prefere manter sua individualidade, por julgarem que os pais possuem outros valores, que não entenderiam a troca de parceiros.

Outro assunto que se torna complicado para diálogo são as drogas. Segundo Lefevre e Simioni (1997), a droga é tida pelos adolescentes algo como pertencente ao seu grupo, e que os pais, por não fazerem parte desse mundo particular dos filhos não poderiam dividir esse assunto. Porém Santrock (2003) nos traz que um relacionamento positivo com os pais, desde a infância, ajudam os filhos a não entrarem no consumo das drogas, reduzindo as chances de consumo pelos jovens.

O adolescente procura a turma de amigos para conversar e tirar suas dúvidas, porém, muitas vezes, a comunicação com os mesmos não está qualificada. Os amigos podem estar tão confusos quanto o jovem, ou mesmo identificarem-se com um comportamento desviante, o que pode servir de incentivo para o uso das drogas e condutas de risco, como violento. O adolescente segue o mesmo padrão de comportamento do grupo, pois sente necessidade de ser aceito pela turma (LEFEVRE; SIMIONI, 1997).

Mesmo assim o grupo exerce um fator muito importante e positivo para o jovem. Pois a comunicação e o relacionamento com os amigos ajudam o jovem a estruturar sua identidade, diferenciando-se dos pais, podendo viver novas experiências. Esse relacionamento inclusive indica aos os interesses do jovem, e também suas dificuldades do momento, de acordo com o grupo em que o filho está inserido.

No que tange aos assuntos mais conversados, percebe-se que os adolescentes dialogam com os pais sobre assuntos informais como: escola, ensino de modo geral, profissão futura, bem como os males causados pelo uso de drogas como conselhos para que os filhos se afastem das mesmas (SCHOLZE, 2004).

O QUE PROPICIA E O QUE DIFICULTA A COMUNICAÇÃO ENTRE PAIS E FILHOS?

Na adolescência, as mudanças marcam ainda mais as diferenças entre as gerações, nesse sentido o relacionamento pode tornar-se difícil, uma vez que as diferenças são grandes, o jovem está vivendo suas experiências, estruturando seu mundo interno, enquanto que os pais já passaram por isso, e de forma diferente.

A literatura indica que os pais têm que aprender a respeitar seus filhos, que encontram-se em busca de sua identidade, tentando nesse processo tanto identificar-se como diferenciarem-se do grupo familiar. Os

adolescentes não querem mais ser a extensão dos pais, querem se constituir um identidade própria. Desta forma, observa-se que, muitas vezes, não concordarão com tudo que os pais dizem, buscarão fazer as coisas de seu modo. Esses comportamentos fazem parte do processo de construção da identidade, pois o jovem espera ser único, diferente, contudo, parte do grupo familiar. Nesse processo, o respeito ao outro se torna elemento indispensável para o diálogo (CADETE et al., 2000).

Para Cervený e Berthoud (1997), os pais não se sentem seguros para confiar e entender as mudanças dos filhos adolescentes possuem dificuldades em orientar e dialogar sobre as dúvidas comuns a esta fase do desenvolvimento. Lefevre e Simioni (1997) indicam que, geralmente, os pais possuem um conjunto de valores de vida diferentes da geração dos filhos, pois o contexto social é outro; isso dificulta aos mesmos considerar e aprovar, diria mesmo compreender, algumas atitudes e dúvidas de seus filhos, o que impossibilitando o diálogo aberto. Este distanciamento resultante do choque de gerações, segundo Cadete (2000), é, especialmente, comum nas famílias com filhos adolescentes, pois estes para construir sua identidade questionam os valores dos pais, mais que crianças mais novas.

O comportamento do adolescente, não deve ser preocupante pelo fato de este distanciar-se da família, mas sim quando em sua conduta ocorrem conseqüências prejudiciais a ele, pois é comum os jovens não se adequarem às expectativas sociais e as exigências dos pais. A presença de conflitos e a ausência de diálogo pode causar muita angústia e sofrimento tanto aos adolescentes como aos pais (MAAKAROUN, 1991).

Outro fator relevante no que diz respeito a dificuldade na comunicação, é a falta de tempo que os pais possuem, o que impede a cumplicidade entre pais e filhos, vinda da convivência. Wagner et al. (2005) trazem que a família atual apresenta um novo perfil, caracterizado por importantes fenômenos e movimentos sociais, como: a entrada das mulheres no mercado de trabalho e sua maior participação no sistema financeiro familiar. Esse modelo contrapõe a estrutura familiar tradicional, quando o pai era o único provedor e a mãe como única responsável pelas tarefas domésticas e cuidado dos filhos. Acompanhado a essa mudança, há o distanciamento dos pais com seus filhos, que acabam se queixando que os pais não encontram tempo para conversarem.

Porém, segundo Wagner et al. (2002b), um aspecto que facilita a comunicação é a postura dos pais frente às conversas com os filhos. Quando os pais adotam uma postura e abertura para escuta torna-se mais fácil o diálogo e este se baseia na confiança liberdade e amizade. A compreensão e o respeito também são aspectos facilitadores, pois propiciam a expressão

de sentimentos, opiniões e percepções. Portanto famílias que adotam uma postura mais aberta, que não reprimem as opiniões dadas pelos filhos, que estimulam os filhos a participar do diálogo familiar, incentivando os filhos a dizer o que pensam, são famílias que de certa forma mantêm um diálogo entre seus membros.

A comunicação deve dar-se de forma diferenciada, não só baseada no diálogo, mas também nos bons exemplos. A boa conduta dos pais influencia o adolescente, que vai gostar de segui-la, pois nesta fase o adolescente busca por modelos de identificação e pode encontrá-los em casa. Os pais têm um papel fundamental no processo de orientação e suporte, pois enquanto o grupo livra o indivíduo de sua responsabilidade moral, abrandando seu sentimento de culpa, os pais dão ao sujeito em formação valores, estabelecendo padrões de vida para o filho, bem como normas rígidas, as quais não possam transgredi-las. Os pais não devem limitar-se a impor sua vontade, devem sempre mostrar ao filho a necessidade de sua orientação e apoio, para que o jovem possa tomar suas decisões, sabendo seus limites, e concretizando seus sonhos (MAAKAROUN, 1991).

QUANDO A COMUNICAÇÃO FAMILIAR NÃO OCORRE, A QUEM RECORRE OS JOVENS?

Segundo Guimarães (2003), os adolescentes que não tem oportunidade de, em casa tirar suas dúvidas, acerca de assuntos ainda considerados tabus, como o exercício de sua sexualidade e acabam buscando outros meios de informação como revistas, livros, jornais, a televisão, e principalmente o grupo de amigos. O grande perigo é que o jovem de hoje encontra muita liberdade sexual e pouca orientação, sendo que só com orientação que o adolescente pode guiar-se evitando situações de risco (MAAKAROUN, 1991).

O adolescente busca o diálogo fora de casa quando não encontra nesta a resolução para seus conflitos e dúvidas, quando na família não encontra espaço para compartilhar suas vivências, experiências e idéias (CADETE, 2000).

Uma solução para o não diálogo dentro de casa é a escola, no colégio os jovens tem a possibilidade de tirar suas dúvidas. Segundo Santrock (2003), a escola se torna um ambiente de troca de experiências, reflexão e questionamentos. Os professores são elementos de identificação para os adolescentes, sendo formadores de opiniões, participando da formação destes jovens para a vida adulta.

Apesar de toda as mudanças sociais e estruturais ocorridas nas famílias contemporâneas, bem como as dificuldades enfrentadas entre os membros da família em seu relacionamento, segundo Cadete (2000), o adolescente descreve sua comunicação com os pais como boa, e quando ela ocorre auxilia-o a enfrentar melhor os desafios da fase, o jovem sente-se compreendido, amparado e amado, durante o diálogo e após este. Assim com a comunicação estabelecida o jovem constrói sua identidade de forma confiante, tornando-se seguro de si e de suas possibilidades (CADETE, 2000).

Sendo assim reafirma-se a idéia de tratar a comunicação em família como um assunto de suma importância. Ela é fundamental para o desenvolvimento satisfatório do adolescente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

...se os pais não compreenderem que educar é fazer com que os filhos se tornem maduros, serão incapazes de cumprir sua tarefa, como educadores, porque tentarão prender o jovem e amarrá-lo dentro de casa, fazendo com que seja sempre uma pessoa dependente e infantil, e muitas vezes, infeliz. (GAUDÊNCIO, 1976)

A comunicação em família é uma temática muito estudada atualmente. Os conflitos familiares preocupam seus membros e a sociedade como um todo, devido as várias problemáticas que envolvem o adolescente atualmente. O jovem está vulnerável a drogas, violência, problemas que envolvem a sexualidade.

Os pais vêm-se cada vez mais distantes de seus filhos, encontrando muita dificuldade em estabelecer um diálogo, sem brigas, violência e desrespeitos. O adolescente busca por seu espaço, e os pais sentem-se ameaçados, aumentando a distância entre os membros da família. Neste conjunto vê-se a mãe como um elo para aproximar os filhos dos demais membros da família, já que esta consegue de maneira mais satisfatória, conversar com estes.

O jovem está em busca de sua identidade, e mesmo com o diálogo estabelecido, manterá seus segredos, pois precisa de sua independização, portanto os pais, devem instruir com conversas francas, mas também dar exemplos positivos e fortes de conduta, para que o adolescente não busque identificações perigosas fora de casa.

Apesar das respostas encontradas durante o estudo, sabemos que essa temática é definitivamente abundante. Seu estudo ainda deve render muitos

frutos, e várias respostas ainda, devem ser respondidas. A adolescência é um desafio para os pais, o jovem sempre foi considerado um problema, pessoas sem solução, que desrespeitam leis e desafiam a autoridade. Essa visão social é algo que precisaria mudar, pois a sociedade passaria a ver a adolescência como uma fase de transição e mudanças, que necessita de apoio, mas como mudar esse conceito de “aborrecência”?

Hoje os pais estão cada vez mais em busca de estabilidade financeira, correm atrás de seus ideais, muitas vezes sacrificando, seus relacionamentos afetivos, bem como a formação de laços fortes com os filhos. Deixam a criação destes na responsabilidade de terceiros, e sua vida afetiva de lado, por falta de tempo, muitas vezes deixam a conversa em família de lado, deixando seu filho adolescente cheio de dúvidas e anseios.

Faz-se necessário que o ser humano revise seus valores, elaborem suas dificuldades psíquicas, busquem melhorar. Nossos jovens merecem um ambiente mais saudável e seguro para que possam construir sua subjetividade, um ambiente baseado no diálogo, amor, compreensão e respeito.

Neste mundo globalizado onde a norma é “ter”, evocamos os valores familiares esquecidos, para que o ser humano valorize o “ser”. E assim poderemos pensar em formar homens de princípios, num tempo onde tudo isso está esquecido. Para isso a família tem que ser a base para um futuro seguro e sem sofrimentos desnecessários.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal**: um enfoque psicanalítico. Artes Médicas: Porto Alegre. 1981.

BENINCÁ, C. R. S. **Permutas intergeracionais na família**: convergências e divergências no comportamento e nos valores. Dissertação de mestrado não publicada, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 1994.

BERGER, P.I.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1991.

BRÊTAS, J. R. A mudança corporal na adolescência: a grande metamorfose. **Temas sobre desenvolvimento**, v. 12, n.72, p.29-38, 2004.

CADETE, M; ARMOND, C. L.; STEFANELLI, M. C. O adolescente descrevendo sua comunicação com a família. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 13, n3., p. 17-24, 2000.

CERQUEIRA, B. T. R.; KOMPINSKY, E. Adolescência: uma crise familiar? **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 40, n. 9., p. 24-30, 1991.

CERVENY, C. M. O.; BERTHOUD, C. M. E. **Visitando a família ao longo do ciclo vital**. São Paulo : Casa do Psicólogo, 2002.

DIAS, G. A. C.; GOMES, B. W. Conversas sobre sexualidade na família e gravidez na adolescência: a percepção dos pais. **Estudos de Psicologia**, v. 4, n.1., p.109-125, Natal.1999.

EIZIRIK, C.; KAPCZINSKI, F.; BASSOLS, A.M.S. **O ciclo da vida humana**: uma perspectiva psicodinâmica. Porto Alegre : ArtMed, 2001.

FIGUEIRA, S. A. **Nos bastidores da psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

GAUDÊNCIO, P. **Juventude urgente**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1976.

GUIMARÃES, A. Informações dos adolescentes sobre métodos anticoncepcionais. **Revista Latino Americana Enfermagem**, v. 11, n3, p.293-298, 2003.

LEFEVRE, F ; SIMIONI, C. Você conhece seus filhos? Análise de um discurso da mídia. **Revista Brasileira Crescimento Desenvolvimento Humano**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 09-19, 1997.

MAAKANOUN, M. **Tratado de adolescência**: um estudo multidisciplinar. Rio de janeiro: Ed. Cultura Médica, 1991.

MALHEIROS, F. Os laços conjugais e os novos rumos da família. In: CONTARDO, C. **O laço conjugal**. Porto Alegre: Ed. Artes e Ofícios, 1999.

OUTEIRAL, O. J. **Adolescer**: estudos sobre adolescência. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

REIS, J.R.T. Família, emoção e ideologia. In: Lane, S.T.M. & Codo W. (orgs.) **Psicologia social**: O homem em movimento. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984.

SANTROCK, W. J. **Adolescência**. Rio de Janeiro: Ed. LTC. 2003.

SCHOLZE, M. **A percepção dos adolescentes sobre suas conversas com os pais**. Monografia de conclusão do curso de Psicologia da UNIFRA. Santa Maria, 2004.

WAGNER, A. et al. Comunicação em família com filhos adolescentes. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 7, n. 1, p. 75-80, 2002a.

WAGNER, A. et al. A comunicação familiar: uma experiência com adolescentes em grupos focais. **Psico**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p.137-150. 2002.

WAGNER, A. et al. Compartilhar tarefas? Papéis e funções de pai e mãe na família contemporânea. **Psicologia Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 21, n. 1, 2005.